

AS PROMESSAS E AS MENTIRAS

Edmilson Borges da Silva

Graduado, Mestre e Doutorando em
Sociologia/UFG (Universidade Federal
de Goiás).

O discurso conservador vê, por conveniência, “comunismo” em tudo que possa, de alguma forma, ameaçar seu lugar de explorador, mesmo que seja apenas uma retórica progressista que acompanha com o opressor. O texto tem-se por objetivo, fazer a crítica dessa retórica de golpes, observando as contradições históricas dessa sociedade, absurdamente exploradora, analisar a aproximação desse discurso com novas gerações e, sem o menor compromisso com a mentira, expor essa falácia que usa o medo para criar condições de aumentar a exploração social; para essa crítica, a referência é uma parte da música brasileira que foi corajosa em denunciar essa situação.

Os rumores de golpe são sonhos sórdidos acalentados nos porões que criam medo, alimentados pelos que se julgam “superiores” aos demais e seus condignos sócios no negócio de explorar. O mais sério é que estão armados e treinados nas academias para, em tese, proteger a sociedade que os delegou: “... e destina-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e; por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem. Art. 142” (Constituição de 1988). No entanto, não é bem assim que funciona.

Primeiro, a sociedade constituiu o aparato repressor e, em tempos atuais, este foi regularizado, por delegados habilitados em um sistema eleitoral que elege representantes que não prestam contas dos seus atos. Segundo, esse sistema eleitoral é

Revista Posição

caro, com campanhas caras e todas sob suspeição. Terceiro, o eleitor só vota, e sua voz será grito ao vento, na espera que um dia suas necessidades sejam acolhidas. Quarto, e mais significativo, o eleitor, cidadão, usuário, consumidor, etc., é gente de segunda classe. Quem delega, diz pouco e quando diz, não vai ser ouvido. Dizer e ouvir é um ato que pode ser uma tramitação meramente passiva. Agir é a interdição que o capitalismo impõe a qualquer voz contraditória, mas, impõe também, passividade política e agir submetido à ordem econômica, faz isso do particular a sociedades inteiras.

Toda força constituída nos trâmites da ordem dominante, costuma brincar perigosamente de tomar o poder quando seu humor, desejo, conchavos, são incitados a aventurar-se em nome dessa sociedade. Na verdade o faz em nome de uma classe e por vezes de setores, os mais reacionários dessa classe. Portanto, falar em nome do todo, é quase sempre, uma mentira construída para satisfazer necessidades de alguns. Vejamos como essas terras ao Sul foram colonizadas e mantidas nessa dinâmica.

Com a chegada do colonizador, o “superior” se impôs, gestou, pariu a fórceps e alimentou a submissão, pois, “Não é nossa culpa nascemos já com uma bênção mas isso não é desculpa pela má distribuição” (PLEBE RUDE, 1985). Do estouro das armas de outrora às suas ameaças de hoje, a dúvida continua, “Com tanta riqueza por aí, onde é que está? Cadê sua fração?” (PLEBE RUDE, 1985). Em tempos históricos, do passado ao presente, a invocação é atual, é o que se exige “Até quando esperar a plebe ajoelhar esperando a ajuda de Deus” (PLEBE RUDE, 1985), Deus nunca saiu de moda na agenda da exploração.

O longo período de colônia e império foi desastroso aos índios, aos negros e aos desterrados que aqui habitaram. Os colonizadores, amigos do Rei e da Igreja, deitados no lombo dos explorados, fizeram riquezas. “Missionários de um mundo

pagão, proliferando ódio e destruição pelos quatro cantos da terra a morte, a discórdia, a ganância e a guerra... e a guerra” (UNS E OUTROS, 1989), assim, a cruz e a coroa fizeram parcerias que a democracia republicana incorporou, afinal “Generais de todas as nações, fardas bonitas, condecorações, documentam na nossa história o seu rastro sujo de sangue e glória” (UNS E OUTROS, 1989).

Você que é meu vizinho no tempo, bem ali, logo ali, não dê as costas à história, ela continua pulsando na sua frente. No passado, os heróis de alguns “morreram de overdose” e no presente, meu contemporâneo, os seus heróis esbaldam nos palácios e lhe vende a ilusão de que logo você será convidado. Para ser aliado de lacaio, a semelhança é necessária, se sua ilusão for munida de alguma convicção, logo saberás que até as ruas do palácio estarão fechadas para você que é jovem, velho ou cidadão. “Não venha agora com essas insinuações dos seus defeitos ou de algum medo normal. Será que você, não é nada que eu penso, também se não for, não faz mal, não me faz mal” (HERÓIS DA RESISTÊNCIA 1986), se tu invocas horrores tachados em palavras satanizadas, no entanto, baliza os horrores de hoje, abençoados na água benzida nos mármore de luxo, então, não somos companheiros!

Ser vil e servil, uma possibilidade existe nesse nosso encontro desencontrado, “Pra ser sincero não espero de você mais do que educação” (ENGENHEIROS DO HAWAII, 1990), me desculpe, essa possibilidade está severamente ameaçada. O discurso monolítico combate sua contraface e assim, o mal uso embrulhado na mentira conforma sua história, veda sua justiça e medeia seus interesses, numa palavra, educa sua educação. Posso até admitir que “nós dois temos os mesmos defeitos”, o meu é de ser crítico da história que me contaram, pois, já sentenciou o proscrito “A história de toda a sociedade até os nossos dias nada mais é que a história das luta de classes” (MARX, 2013).

Revista Posição

Sua cegueira inventada lhe torna uma bigorna martelando a mesma ladainha em festas de santos diferentes, não importa, você não tem compromisso com os devotos, lhe interessa a coleta, por isso “Eu não quero mais mentir, usar espinhos que só causam dor, eu não enxergo mais o inferno que me atraiu, dos cegos do castelo me despeço e vou a pé até encontrar um caminho, um lugar pro que eu sou” (TITÃS, 1997). No seu caminho, aviadores do medo, sua cria é filho de um golpe chamado república, por que não está satisfeito com sua invenção mantida a ferro e fogo? O seu caminho de penitência não é para pagar o voto, é para obtê-lo. No meu caminho, exige-se que tu não andes!

Na república, existiu a primeira, a velha, a nova, o Estado Novo, o populismo, os planos econômicos, o sociólogo, o ex., a única e o *Nosferatu*. Destes, quantos vieram das fileiras treinadas na verde oliva? Quantos lhes foram subservientes? Se sobrar alguém, anuncie. Já fomos 180 milhões de brasileiros, hoje já somos 207 milhões, pois é, na sua cria que destronou a herança Ibérica, trinta e sete se tornaram “chefes de Estado”, não parece pouco diante de milhões? Mas é isso, cifras só falam sob manipulação e tortura. Hoje os seus pilares estão com “a bunda exposta na janela”, mas, ainda não conseguimos “passar a mão nela”, o medo treinado nos leva a rampa, encarar os pelotões, tem sido tarefa árdua. Então, “Quem foi que disse que Deus é brasileiro? Que existe ordem e progresso enquanto a zona corre solta no congresso? Quem foi que disse que a justiça tarda mais não falha? Que se eu não for um bom menino, Deus vai castigar?” (BIQUINI CAVADÃO, 2005), Deus pode até ser brasileiro, embora pensasse que fosse europeu, mas, faz tempo que se naturalizou norte americano e retornou a América Latina, nas palavras de Berger: “Max Weber está vivo, vai bem e mora na Guatemala” (2001). Como morador de palácios, os deuses habitam todos os casebres, se não adorá-los, o pecado dos que acreditam pensará na sua não crença. Ser crente não é uma opção, é uma condição imposta e as armas estão apontadas pro teu sossego, para tu que achas que a vida é sofrida por demais aqui, estão a lhes oferecê-la eternamente.

O artigo quinto da constituição de 1988 nos garante “Todos são iguais perante a lei...”, será que vale para os grupos de extermínio, sempre com agentes do Estado em sua organização? Será que vale para corruptores que ganham bilhões e pagam alguns milhões de propina? Vale para quem tem direito à celas especiais? Será que vale para os operadores do direito contratados por enormes honorários? Será que as pessoas jurídicas operadas por pessoas físicas estão sobre a égide do enunciado acima, quando cometem crimes ambientais? Será?

A lei deve ser respeitada e obedecida mesmo que você não conheça sua formulação. Isso vale a você aprendiz por repetição. Não vale às empresas de transportes, ao especulador imobiliário, ao que prega golpes de Estado. Definitivamente, a lei vale o quanto custa e se tem quem pode pagar. Se a lei fosse a segurança incondicional, será porque escolhem velhos para morrerem nos leitos da agonia, chamados de saúde pública? Eis o tempo que o recorte era por idade, é por classe, cor, condição financeira, sexo; a condição social diz do seu tempo de vida. “Quem foi que disse que os homens nascem iguais?” (BIQUINI CAVADÃO, 2005), teu Zé Ninguém, não acredite nas fileiras que cantam a canção da morte!

No primeiro golpe depenaram o autóctone, até hoje nos convence que acumular é necessário para depois repartir, convencidos não se fez, no entanto “Quem me dera ao menos uma vez provar que quem tem mais do que precisa ter quase sempre se convence que não tem o bastante fala demais por não ter nada a dizer” (LEGIÃO URBANA, 1986). Convencido não, vencido quase todos os dias sim, sem lutar não! Olha, não sei porque, mas sei que sua mentira se soma ao oportunismo, esse crime não é perdoado, se anistia sem precisar ser anistiado, afinal “Um dia pretendo tentar descobrir porque é mais forte quem sabe mentir” (LEGIÃO URBANA, 1987).

Revista Posição

Para terminar, portador do medo violento, é preciso que seja dito: “Eu quero a utopia, quero tudo e mais quero a felicidade nos olhos de um pai quero alegria muita gente feliz quero que a justiça reine em meu país...” (NASCIMENTO, 1981). Desdenha, então complemento “Eu vou à luta é com essa juventude que não corre da raia à troco de nada, eu vou no bloco dessa mocidade que não tá na saudade e constrói a manhã desejada” (GONZAGUINHA, 1980). Por fim, “Vamos precisar de todo mundo pra banir do mundo a opressão, para construir a vida nova” (GUEDES, 1981).

Meu itinerário foi para lhe convocar a sentir os ventos uivantes da liberdade, para lutar contra a opressão, para suspeitar da retórica ligeira, da falácia sofismando a verdade. Eu acredito, contra você e “apesar de você que amanhã será outro dia”, uma Santa Cruz do Deserto poderá transbordar o Caldeirão e “a contrapelo” velar a história dos vencidos e fazer a história destes nas comunas que precisam vencer sempre os golpes!

Referências

BERGER, Peter. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. In: *Religião & Sociedade*, 21 (1), abr., Rio de Janeiro: ISER, 2001.

BIQUINI CAVADÃO. Música: Zé Ninguém, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1988.

ENGENHEIROS DO HAWAII. Álbum: o papa é pop. Música: pra ser sincero, 1990.
GONZAGUINHA. Música: e vamos à luta, 1980.

GUEDES, Beto, BASTOS, Ronaldo. Álbum: contos da lua vaga, música: sal da terra, 1981.

HERÓIS DA RESISTÊNCIA. Música: só pro meu prazer, 1986.

LEGIÃO URBANA. Álbum: dois. Música: índios, 1986.

Revista Posição



LEGIÃO URBANA. Álbum: que país é esse. Música: eu sei, 1981.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2013.

NASCIMENTO, Milton. Álbum: caçador de mim. Música: coração civil, 1981.

PLEBE RUDE. Álbum o concreto já rachou, música: até quando esperar, 1985.

TITÃS. Música: os cegos do castelo, 1987.

UNS E OUTROS. Música: missionários, 1989.